

AVALIAÇÃO DA ANSIEDADE FRENTE AOS TRATAMENTOS REALIZADOS EM CLÍNICAS ODONTOLÓGICAS

Raquel Moura de Sousa Silva

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
raquel.silva01@aluno.unifametro.edu.br

Mauro Wilker Cruz de Azevedo

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
mauro.azevedo@aluno.unifametro.edu.br

Isaac Santos Araújo

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
isaac.araujo@aluno.unifametro.edu.br

Kelres Caroline Oliveira de Sousa

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
kelres.sousa@aluno.unifametro.edu.br

Bianca de Matos Venâncio

Discente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
bianca.venancio@aluno.unifametro.edu.br

Jandenilson Alves Brígido

Docente – Centro Universitário Fametro – Unifametro
jandenilson.brigido@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Clínica Odontológica, Odontologia Restauradora e Reabilitadora

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: IX Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

RESUMO

Introdução: A ansiedade relacionada à Odontologia denomina-se Odontofobia, seus aspectos atuam influenciando na saúde oral dos indivíduos, na qual apresentam patologias não tratadas e necessidade de tratamento odontológico. O sentimento de ansiedade ou medo diante do tratamento odontológico tem sido denominado de ansiedade odontológica, cuja intensidade varia de um paciente para outro ou até no mesmo paciente, em função do tipo de procedimento a ser realizado. **Objetivo:** O objetivo geral deste trabalho será avaliar a incidência da ansiedade e os fatores associados durante atendimento odontológico, através de estudos clínicos e pesquisas realizadas anteriormente que se encontram disponíveis na literatura. **Métodos:** O estudo é caracterizado como uma revisão de literatura, foram utilizados métodos de pesquisa e

leitura de artigos disponíveis em ferramentas de informações científicas como PUBMED, utilizando os descritores: “Dental Care”, “Anxiety” e “Dentistry” cadastrados no DeCS e meSH. **Resultados:** A ansiedade afeta de forma significativa a conduta clínica e tem impacto negativo no desenvolvimento de procedimentos futuros, afetando a qualidade de vida e saúde bucal do paciente. Os níveis de ansiedade variam de acordo com o procedimento a ser realizado e condições individuais relacionadas aos pacientes submetidos a tratamentos odontológicos. **Considerações Finais:** Tornar a consulta odontológica mais eficaz e menos estressante é uma estratégia importante no manejo de pacientes ansiosos, o olhar atento do cirurgião-dentista possibilita lançar mão de uma abordagem clínica e conduta individualizada favorecendo o prognóstico e o atendimento.

Palavras-chave: Dental Care; Anxiety; Dentistry.

INTRODUÇÃO

A ansiedade relacionada à Odontologia denomina-se Odontofobia e caracteriza-se por ser uma fobia com aspectos psicossomáticos, que atuam influenciando na saúde oral dos indivíduos, apresentando patologias não tratadas e necessidade extensa de tratamento odontológico. De acordo com Nermo et al. (2019), o medo odontológico ou “Dental Fear” é uma reação fisiológica, comportamental e emocional do indivíduo amplamente estendida frente aos estímulos ameaçadores no atendimento odontológico. Pode ser descrito como um estado de ansiedade relacionado aos desafios dos tratamentos ou procedimentos dentários ou é relacionado aos traumas envolvendo tratamentos realizados durante a infância, percepções negativas acerca da prática odontológica ou sintomatologia dolorosa após tratamento odontológico.

De acordo com o Adult Dental Health Survey (ADHS) (2009), quase 12% da população adulta tem um nível de ansiedade odontológica que é indicativo de fobia odontológica. Muitas pessoas experimentam níveis leves ou moderados de ansiedade ao ir ao dentista, outras apresentam fobia odontológica que representa um grau significativo de ansiedade (HEIDARI; NEWTON; BANERJEE, 2020).

O sentimento de ansiedade ou medo diante da perspectiva do tratamento odontológico tem sido denominado de ansiedade odontológica, cuja intensidade varia de um paciente para outro ou até no mesmo paciente, em função do tipo de procedimento a ser realizado. Portanto, a ansiedade odontológica interfere diretamente nos cuidados em saúde

bucal do indivíduo. Diante de um quadro de ansiedade, diminuem as chances de o paciente tanto ir às consultas quanto colaborar com o dentista, dificultando o trabalho do profissional, além de trazer prejuízos para a saúde bucal e integral do paciente (MEDEIROS et al., 2013; GOMES et al., 2020).

A etiologia da ansiedade odontológica é multifatorial e ainda não está totalmente compreendida. Alguns dos fatores etiológicos para explicar esta ansiedade podem ser advindos de experiências odontológicas anteriores negativas e trauma psicológico. O paciente com sinais de ansiedade e medo pode ser identificado pelo seu comportamento ou pelo reconhecimento de alguns sinais e manifestações, como: queixa verbal, inquietação, agitação, palidez da pele, transpiração excessiva, hiperventilação, aumento da pressão arterial e da frequência cardíaca, choro e distúrbios gastrintestinais (MEDEIROS et al., 2013; BARAUSKAS et al., 2019).

Apesar de que técnicas comportamentais que não envolvem o uso de medicamentos possam demonstrar um papel importante no tratamento do paciente, muitos destes pacientes ainda apresentam dificuldade em tolerar o tratamento dentário. Estudos recentes apontam que o uso de sedativos para o atendimento odontológico vem sendo comumente utilizado para reduzir a ansiedade e facilitar o andamento do atendimento odontológico (ASHLEY et al., 2018).

A ansiedade nos pacientes pode ser um problema significativo e importante na odontologia, pois pode interferir no comportamento desses pacientes nos consultórios odontológicos, prejudicando o atendimento. Esses agravos resultam em um número reduzido de consultas para fins preventivos e, conseqüentemente, faz com o que o número de doenças orais cresça no meio desta população (LIMA et al., 2020).

Técnicas de gerenciamento comportamental (BMT) estão disponíveis atualmente no tratamento de pacientes que possuem ansiedade. Portanto, é de se esperar que a ansiedade ligada à odontologia venha a sofrer uma diminuição progressiva nos casos. Um estudo realizado na Noruega demonstrou que os profissionais dentistas na odontologia pública do país, utilizou uma vasta gama de BMT no tratamento de crianças e adolescentes que possuíam ansiedade ao ir ao consultório odontológico (STROM et al., 2020).

Os métodos utilizados para superar a odontofobia são diferentes, e podem variar desde a abordagem do dentista, que pode ser acomodador e amigável, ou pode aderir outros diferentes tipos de técnicas, como a hipnose sobre os pacientes. Alguns ensaios clínicos realizados também relataram os efeitos de algumas ajudas, como arte, música ou mesmo a presença de animais domésticos. Além do mais, métodos como sedação consciente e sedação

profunda são reconhecidos, com o uso de via intravenosa, orais ou drogas gasosas (STEFANO et al., 2019).

A problematização da presente revisão está voltada a indagar-se sobre o estado emocional dos pacientes odontofóbicos e até que ponto a ansiedade pode interferir na realização de procedimentos nas clínicas odontológicas. Essas informações são relevantes para os profissionais, pois ampliam seu conhecimento sobre a ansiedade frente ao tratamento odontológico, que é um problema comum que afeta pessoas de todas as idades e é definida como um estado emocional que antecede o encontro com um objeto ou situação temida, caracterizada por sentimentos de apreensão, tensão, nervosismo ou preocupação relativo às consultas preventivas e terapêuticas com o cirurgião-dentista, sem necessariamente estar conectado a um estímulo externo específico (BARASUOL et al., 2016).

O objetivo deste trabalho foi avaliar o grau da ansiedade odontológica e os fatores associados frente aos procedimentos dentários, utilizando como base os estudos prévios disponíveis na literatura.

METODOLOGIA

O estudo é caracterizado como uma revisão de literatura, que permite avaliação, síntese e incorporação das evidências de pesquisas, estudos clínicos e produções científicas nacionais e internacionais publicadas na literatura atual referente à avaliação da ansiedade frente aos tratamentos odontológicos.

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma pesquisa no banco de dados PubMed, utilizando as seguintes palavras-chave: “Dental Care”, “Anxiety” e “Dentistry”. Além disso, foi realizada leitura e busca manual a partir das referências dos artigos selecionados.

Os critérios de inclusão para esta revisão foram: estudos publicados nos últimos 5 anos; publicados na língua portuguesa e inglesa; estar disponível eletronicamente e estudos que atendessem a questão norteadora. Já os critérios de exclusão foram: teses, dissertações, monografias, cartas ao editor, e estudos não pertinentes ao tema.

Foram encontrados 472 artigos no PubMed, e após leitura de títulos foram selecionados 44 para leitura do resumo. Dessa maneira, foram obtidos 31 artigos para leitura completa da íntegra, que corresponderam aos critérios de seleção, sendo selecionados 16 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre estado de saúde bucal, ansiedade e evitação de tratamento é provavelmente complexa, envolvendo aspectos socioeconômicos e psicossociais. O comportamento de evitação pode eventualmente levar a dentes menos funcionais em adultos. Um estudo retrospectivo de Locker et al. (1999), descobriram que metade dos entrevistados relatou que sua ansiedade odontológica começou na infância, enquanto 22% relataram o início na adolescência. Estudos mostraram que os adolescentes podem ser mais propensos a experimentar o tratamento odontológico como doloroso em comparação com outras faixas etárias, e que isso pode afetar suas expectativas futuras e conseqüentemente o desenvolvimento de ansiedade (NERMO; WILLUMSEN; JOHNSEN, 2018).

Uma amostra com 244 participantes comparou prevalência e fatores de risco de ansiedade odontológica entre homens e mulheres, com idade igual ou superior a 18 anos, em uma Instituição de Ensino Odontológica pública no período de 2018 a 2019. A prevalência total de ansiedade odontológica foi de 18%, 22,9% em mulheres e 13,1% em homens. As mulheres apresentaram maior prevalência de ansiedade odontológica. Nascimento et al. (2011) e Yakar et al. (2019), mostraram que quanto menor a escolaridade do paciente, maior o nível de ansiedade odontológica. Além disso, foi relatado em estudos que o tipo de tratamento odontológico não influencia a frequência de ansiedade (DATAITI, et al. 2021).

Uma análise secundária de um artigo na Nova Zelândia foi limitada a 2.209 adultos neozelandeses (com 18 anos ou mais) que foram submetidos ao exame clínico odontológico resumindo a prevalência de ansiedade odontológica por características sociodemográficas (DAS), aproximadamente um em cada oito neozelandeses estavam ansiosos. A ansiedade foi mais prevalente entre as mulheres, aqueles com ensino médio completo e aqueles que residem nas áreas mais carentes. Esta investigação descobriu que 13,3% são afetados e os indivíduos com ansiedade dentária eram menos propensos a procurar atendimento, além disso, aqueles que estavam ansiosos tiveram escores mais altos, o que mostra que a ansiedade afeta de forma significativa a realização de tratamentos. (SUKUMARAN; TAYLOR; THOMSON, 2021).

Segundo Kheir et al. (2019) um estudo transversal com 864 pacientes atendidos em clínicas odontológicas ambulatoriais no Sudão, utilizaram questionário que avaliou os dados sociodemográficos, níveis de escolaridade, situação econômica, experiência do paciente, e incluiu também a Dental Anxiety Scale, Corah. Alta ansiedade odontológica foi relatada por 22,2%, 29,5% relataram ansiedade odontológica moderada e 48,3% relataram baixa ou

nenhuma ansiedade odontológica, tendo associações com a consulta anterior, motivo da consulta e comentários negativos do dentista que influenciaram no nível de ansiedade (KHEIR, et al., 2019).

Um estudo de modelo transversal na Suécia foi realizado para avaliar a capacidade dos dentistas em avaliar a ansiedade odontológica em adultos e identificar fatores associados às avaliações e concluiu que os clínicos têm dificuldades em identificar corretamente os pacientes mais ansiosos, contando apenas com sua experiência e olhar clínico (HÖGLUND, et al 2019).

A relação de confiança entre o profissional de saúde e o paciente serve como pedra angular para fornecer uma comunicação eficaz e permitir uma prestação bem-sucedida. Newton et al. (2013) sugeriram também diferentes abordagens para o manejo da ansiedade odontológica, dependendo do nível da ansiedade odontológica e acrescentaram ainda outra dimensão que é decisiva para a escolha do tratamento com base na necessidade de tratamento urgente ou não urgente. Assim, para níveis baixos e moderados de ansiedade odontológica, a estratégia de gerenciamento foi sugerida e, para alta ansiedade odontológica combinada sem a necessidade de tratamento urgente, foi proposta a Terapia Cognitivo Comportamental (VALVERDE et al., 2018; YUAN, et al., 2020; WIDE; HAKEBERG, 2021; HAUGE, et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar a consulta odontológica mais eficaz e menos estressante é uma estratégia importante e o olhar atento do cirurgião-dentista para avaliar o nível de ansiedade possibilita lançar mão de uma abordagem clínica e conduta individualizada.

Dessa forma, diante do impacto negativo que a ansiedade exerce sobre o atendimento odontológico e da necessidade do cirurgião-dentista em conhecer melhor essa temática, a fim de proporcionar um atendimento mais individualizado ao paciente, este estudo torna-se relevante para que os processos envolvidos possam ser compreendidos.

As limitações desta revisão baseiam-se nas diferenças sociodemográficas e o tipo de procedimento a ser realizado, sendo necessário desenvolver um projeto de pesquisa apresentando questionário aplicável a procedimentos rotineiros e procedimentos mais complexos, a fim de avaliar e desenvolver uma conduta clínica para cada caso.

REFERÊNCIAS

- BARASUOL, J.C. et al. Abordagem De Pacientes Com Ansiedade Ao Tratamento Odontológico No Ambiente Clínico. **Rev. Assoc. Paul Cir. Dent**, São Paulo, v. 70, n.1, 2016.
- HAUGE MS, STORA B, WILLUMSEN T. Dental Anxiety Treatment By A Dentist In Primary Care: A 1-Year Follow-Up Study. **Eur. J. Oral Sci.** v.130, n. 4, :12872, 2022.
- HEIDARI, E. et al. The Impact of Dental Phobia on Care Planning: A Vignette Study. **Br. Dent J.** v.226, n. 8, p.581-587, 2019.
- HÖGLUND, M. et al. Evaluation of The Ability of Dental Clinicians to Rate Dental Anxiety. **Eur. J. Oral Sci.** v.127, n.1, p.455-461, 2019.
- KHEIR O.O. et al. Patient-Dentist Relationship and Dental Anxiety Among Young Sudanese Adult Patients. **Int Dent J.** v. 69, n.1, p.35-43, 2018.
- NERMO H, WILLUMSEN T, JOHNSEN JK Prevalence Of Dental Anxiety And Associations With Oral Health, Psychological Distress, Avoidance And Anticipated Pain In Adolescence: A Cross-Sectional Study Based On The Tromsø Study, Fit Futures. **Acta Odontol Scand.** v.77, n.2, p.126-134, 2018.
- STEFANO, R. Psychological Factors in Dental Patient Care: Odontophobia. **Medicina (Kaunas).** v.8, n.55, p.678, 2019.
- SUKUMARAN I, TAYLOR S, THOMSON W.M., The Prevalence And Impact Of Dental Anxiety Among Adult New Zealanders. **Int Dent J.** v.71, n.2, p.122-126, 2020.
- VALVERDE N.L. et al. Use of Virtual Reality for the Management of Anxiety and Pain in Dental Treatments: Systematic Review and Meta-Analysis. **J. Clin. Med.** v.9, n.8, p.2404, 2020.
- WIDE, U., HAKEBERG, M. Treatment of Dental Anxiety And Phobia-Diagnostic Criteria And Conceptual Model Of Behavioural Treatment. **Dent J (Basel).** v.9, n.12, 153, 2021.
- YUAN, S. et al. Communication, Trust and Dental Anxiety: A Person-Centred Approach for Dental Attendance Behaviours. **Dent J (Basel).** v.8, n.4, p.118, 2020.